

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
FILMAR A CATÁSTROFE  
20 de Outubro de 2021

**PISMA MYORTVOGO CHELOVEKA / 1986**  
**(“As Cartas de um Homem Morto”)**

*Um filme de Konstantin Lopushansky*

Realização: Konstantin Lopushansky / Argumento: Konstantin Lopushansky, Vyacheslav Rybakov e Boris Strugatsky / Direcção de Fotografia: Nikolay Pokoptsev / Direcção Artística: Yelena Amshinskaya e Viktor Ivanov / Guarda-Roupa: Andjela Sapunova e Ekaterina Shapkayts / Música: Aleksandr Zhurbin / Som: Leonid Garvichenko / Montagem: Tatyana Pulina / Interpretação: Rolan Bykov (professor Larsen), Iosif Ryklin, Viktor Mikhaylov, Aleksandr Sabinin, Nora Gryakalova, Vera Mayorova, Vatslav Dvorjetsky, etc.

Produção: Lenfilm / Cópia: 35mm, cor, falada em russo com legendas em espanhol e legendagem electrónica em português / Duração: 87 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Com apresentação de Gianfranco Ferraro

\*\*\*

**Pisma Myortvogo Cheloveka** foi estreado na União Soviética em Setembro de 1986, escassos 5 meses depois da catástrofe de Chernobyl. Se muitos comentadores se espantam com o facto de o projecto de Lopushansky ter sido aprovado numa altura em que a censura soviética, apesar do pouco tempo de vida que lhe restava (ou por causa disso mesmo), ainda mantinha um controlo apertadíssimo sobre o que no país se produzia ou deixava de produzir, poucos mencionam essa coincidência. Obviamente, o projecto de Lopushansky, que já se encontrava em preparação havia bastante tempo, não foi “inspirado” pelos célebres acontecimentos de Abril de 1986; mas não deixa de ser uma coincidência espantosa que o seu objecto temático – a catástrofe nuclear e a sua ressaca – tivesse tido um “avant-gout” quase simultâneo.

Nesse sentido, também, esta estreia na longa-metragem de Lopushansky (nascido em 1947) é em grande parte uma “resposta” a uma série de filmes, sobretudo americanos ou feitos no ocidente (do **The War Game** de Peter Watkins, também visto neste ciclo, a filmes tão populares na sua época com **The Day After**), que imaginavam a guerra nuclear e as suas consequências. A diferença é que a URSS de meados dos anos 80, apesar da proximidade da “perestroika” e da “glasnost”, ainda mantinha perante o Ocidente uma postura marcada por um semblante de agressividade, ainda que por essa altura já mais auto-defensivo do que outra coisa, que pareceria incompatível com o subtexto (ou mesmo com o “texto”) pacifista, declaradamente anti-belicista, do filme de Lopushansky. Não tanto pelo “pacifismo” em si, que como valor político em si mesmo sempre fez parte do léxico da URSS, mas pela forma desoladamente caucionária com que ele é apresentado aqui – o que aproxima o filme daquela acusação formal que recaiu sobre tantos filmes soviéticos ao longo dos tempos, o pecado do “derrotismo”. E é isso que surpreende mais, no fundo, até porque o filme de Lopushansky envolve a “política” e o contexto da Guerra Fria num novelo onde, mais do que encontrar sectariamente “culpados”, ou “culpados” maiores da catástrofe, se fala a partir de uma certa abstracção antropológica que abole o sectarismo da atribuição de responsabilidades.

Visualmente, o filme tem vários achados, e uma capacidade de atribuir uma beleza plástica à catástrofe que é, por si só, um “statement” de uma melancolia profunda. Parece evidente, também, que Lopushansky aparecia como alguém largamente influenciado por Andrei Tarkovski, de quem foi assistente em *Stalker*, um filme que de forma muito mais abstracta se movia por territórios apocalípticos aproximáveis dos deste, e que se baseava num conto dos irmãos Strugatsky, o que fornece mais um “link” entre o filme de Tarkvosky e o de Lopushansky – encontramos um dos Strugatskys, Boris, entre os argumentistas de **Pisma Myortvogo Cheloveka**.

Luís Miguel Oliveira

(texto redigido com base no visionamento de uma *cópia sem legendas*)